

Observações literárias em Habacuque 3

*Luciano R. Peterlevitz**

Resumo

Habacuque 3 é um salmo. Mesmo sendo uma unidade literária, este salmo deve ser lido de forma correlacionada aos capítulos 1 – 2 de Habacuque. Pois as afirmações de fé encontradas no salmo respondem às crises alistadas nos capítulos 1 – 2. Assim, Habacuque 3.1-19 deve ser associado ao profeta Habacuque, que pregou no fim do século 7 a.C. e objetivou responder às crises suscitadas naquele período, a saber, a ascensão da Babilônia no cenário mundial e o comando da violência no cenário interno de Judá. Mesmo que inicialmente o salmo de Habacuque 3 tenha sido lido em outros contextos, é fundamental compreendê-lo em sua relação com o contexto do profeta Habacuque.

Palavras-chave: Habacuque – salmo – literatura – profetismo.

Abstract

Habacuc 3 is a psalm. Even being a literary unity, this psalm must be read in a correlated manner to the 1st and 2nd chapters of Habacuc. Cause the faith affirmations found in the psalm respond to the crises enlisted in the chapters 1 – 2. Therefore, Habacuc 3.1-19 must be associated to the prophet Habacuc which preached in the end of the 7th century AC and objectified responding the crisis raised in that period, to know, the ascension of Babylon in the world scenery and the violence control in the internal scenery of Judah. Notwithstanding, initially

* Luciano Robson Peterlevitz é Mestre em Ciências da Religião, na área de Literatura e Mundo Bíblico, pela Universidade Metodista de São Paulo. Bacharel em Teologia, pela Faculdade Teológica Batista de Campinas. Professor da Faculdade Teológica Batista de Campinas.

the psalm of Habacuc 3 has been read in other contexts, it is fundamental the understanding of it in its relation to the context of the prophet Habacuc.

Key-words: Habacuc – psalm – literature – prophethism.

Introdução

Habacuque¹ 3.1-19 é um salmo. O objetivo desse artigo é analisar esse salmo em relação a Habacuque 1 – 2. Julgo necessário fazer essa correlação, por causa dos grandes debates concernentes à formação da literatura profética.

Gerhard von Rad nos chamou atenção para o desenvolvimento das tradições proféticas: a mensagem profética original proclamada por determinado profeta estava sujeita à re-interpretação pela tradição posterior; as palavras dos profetas atravessaram a história de Israel e conservaram pouco da primeira proclamação.² Além de von Rad, outros pesquisadores do campo da crítica literária analisaram as rupturas, as quebras, e as unidades menores do texto.

Entretanto, nos estudos mais recentes houve uma mudança metodológica. Passou-se a analisar os textos bíblicos na tentativa de compreender as estruturas que dão suporte à obra como um todo. Assim, a “releitura” do texto ganha um lugar de destaque nos processos metodológicos. Entende-se por “releitura” os fragmentos de textos escritos, com um determinado sentido em si, que receberam novos sentidos no seu processo de transmissão quando foram alocados dentro de uma obra maior como a coleção dos Profetas e o cânon da Bíblia hebraica como um todo.³

Com estes postulados em mente, estou a afirmar minha leitura dos profetas. Ela procura pela unidade literária dos livros proféticos e sua relação com o cânon da Bíblia Hebraica. Este artigo ensaia esta metodologia no livro do profeta Habacuque. Objetiva, portanto, discutir alguns aspectos literários de Habacuque. O foco será a análise da unidade do livro, principalmente ao que diz respeito à relação do capítulo 3 com os capítulos 1 – 2.

¹ Alguns estudiosos transliteram o nome do profeta como “Habacuc”. Transliteraremos “Habacuque”, mas usaremos “Habacuc” quando citarmos algum texto que use essa forma.

² Gerhard von Rad, *Teologia do Antigo Testamento*, São Paulo, Asté, vol.2, 1986, p.36-50. Veja ainda Notker Fuglister, “Arrebatados por Iahweh – Anunciadores da palavra – História e estrutura do profetismo em Israel”, em *Palavra e mensagem do Antigo Testamento*, tradução de Benôni Lemos, São Paulo, Editora Teológica, 2ª edição, 2004, p.190-191.

³ Sobre o tema releitura nos Profetas, veja J. Severino Croatto, “A estrutura dos livros proféticos. As releituras dentro do *corpus* profético”, em *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Editora Vozes, volume 35/36, 2000, p.7-27. Veja também um ensaio sobre Isaías, com essa metodologia, em Haraldo Reimer, “A Tradição de Isaías”, em *Estudos Bíblicos*, v. 89, Petrópolis, 2006, p.9-18.

Para compreendermos a literatura do livro de Habacuque, é necessário entender o autor e sua época. Vejamos.

1. O autor

Os títulos anunciados em 1.1 e 3.1 afirmam que Habacuque é o autor do livro. Habacuque é um dos profetas sobre os quais se têm escassos dados. Seu nome, *hambaquu* “Habacuque”, tem vários significados: “abraço”, “lutador” (porque teria contendido com Deus); uma planta de jardim ou “anão”.

Erich Zenguer afirma que segundo alguns pesquisadores o livro seria uma liturgia profética formulada por Habacuque enquanto profeta cultural, através da seqüência lamentação – oráculo de Deus - exclamações de ais – oração conclusiva.⁴ Uma outra questão pareceria depor a favor da atividade cultural de Habacuque: a recepção da revelação divina em 2.1-3, cuja terminologia rememora um *Sitz im Leben* que só poderia ser o templo de Jerusalém, a *vigia-do-templo*⁵. Além desse título em Hc 3.1, e a condição física do profeta ao receber a revelação teofânica (v.16), “haveria ainda sintomas de pertença ao profetismo cúltico, nos vários sinais de pausa (*selá*, v.3a.9a13b) e nas conclusivas indicações musicais (‘ao dirigente com meus instrumentos de corda’, v.19b)⁶.

No entanto, é difícil afirmar que Habacuque foi um profeta cúltico.⁷ Apesar de sua familiaridade com o culto, não é preciso afirmar categoricamente que Habacuque era um profeta cultural,⁸ pois a expressão cúltica não se restringe ao campo do profissionalismo piedoso, mas estende-se também para o arraial leigo, que pode ter acesso ao culto. Afinal, “ter familiaridade com os salmos usados no culto é uma coisa; ser ‘profeta cultural’ é outra”⁹. Erhard Gerstenberger afirma que os salmistas, autores de vários salmos de lamentação, bem como Habacuque, eram pessoas que não pertenciam à classe oprimida, mas eram letradas e fizeram a opção pelos justos oprimidos,

⁴ Erich Zenguer, “O livro dos doze profetas”, em *Introdução ao Antigo Testamento*, Erich Zenguer e outros autores, p.518.

⁵ Domingos Sávio da Silva, *Habacuc e a resistência dos pobres – Tradução crítica do profeta Habacuc*, p.210

⁶ Domingos Sávio da Silva, *Habacuc e a resistência dos pobres – Tradução crítica do profeta Habacuc*, p.211. O autor translitera o hebraico como *çelá*. Todavia, nós o transliteramos *selá*.

⁷ Antonio Bonora, *Naum, Sofonias, Habacuc, Lamentações – Sofrimento, promessa e esperança*, p.118.

⁸ Domingos Sávio da Silva, *Habacuc e a resistência dos pobres – Tradução crítica do profeta Habacuc*, p.213.

⁹ Jesus Asurmendi, “Os profetas do século VII – Naum, Sofonias e Habacuc”, em Samuel Amsler (editor), *Os profetas e os livros proféticos*, São Paulo, Edições Paulinas, 1992, p.171 (Biblioteca de Ciências Bíblicas).

colocando-se ao lado deles e desenvolvendo seus escritos motivados por uma profunda solidariedade aos oprimidos.¹⁰

Portanto, Habacuque tinha familiaridade com o culto. Mas não era um profeta cúltico. Era um letrado que se colocara ao lado dos oprimidos, para, ao lado deles, lutar contra a opressão promulgada pelos poderosos de Judá, bem como contra o intervencionismo estrangeiro babilônico. Ele era profeta em Jerusalém, onde confrontava as injustiças reinantes (2.6-19).

2. A época

Habacuque foi contemporâneo de Jeremias (627-582 a.C.). Ambos profetizaram em Jerusalém, no reino do Sul. O contexto social, político e religioso de ambos foram o mesmo, portanto. Como disse Claude Tresmontant, Habacuque não foi apenas contemporâneo de Jeremias, mas também seu “companheiro”¹¹. Eles lutaram contra a opressão social.

Existem algumas evidências dessa época. Primeira, a ausência de referência a Nínive indica uma data posterior à sua destruição, que ocorrera em 612 a.C. Segunda, a menção dos caldeus (neo-babilônicos) em 1.6 alude a uma ascensão da Babilônia no cenário mundial. Terceira, a menção da violência *hamas* (1.2) demonstra que a situação em Judá é de calamidade pública. Parece indicar uma época posterior à morte de Josias (609 a.C.). A época é caracterizada pelo iníquo reinado de Jeoaquim (2.6-19).¹²

Na busca pelo contexto do profeta Habacuque, tentamos responder quem seria o “opressor”, denominado em 1.6 de “caldeus”. Seriam os assírios (antes de 612 a.C.)? Ou os egípcios que mataram o rei Josias (609 a.C.)?¹³ Há quem defenda que o opressor seria Alexandre Magno (considerando o livro numa época posterior), sugerindo que o termo do texto massorético em 1,6a, *kasdim* (“caldeus”), pode ser substituído por *kittim* “gregos”.¹⁴ No entanto, o nome aparece no ostráca de *Tell ‘Arad*, o que sugere o período que o profeta é tradicionalmente datado.¹⁵

¹⁰ Erhard Gerstenberger, *Salmos*, São Leopoldo, Comissão de Publicações, Faculdade de Teologia, 1982, vol.1, p.19 (Série Exegese). Veja também Domingos Sávio da Silva, *Habacuc e a resistência dos pobres – Tradução crítica do profeta Habacuc*, p.112-113.

¹¹ Claude Tresmontant, *O problema da revelação*, São Paulo, Edições Paulinas, 1972, p.256.

¹² Domingos Sávio da Silva, *Habacuc e a resistência dos pobres – Tradução crítica do profeta Habacuc*, p.20-21.

¹³ Antonio Bonora, *Naum, Sofonias, Habacuc, Lamentações – Sofrimento, promessa e esperança*, tradução de Lucy R. M. César, São Paulo, Edições Paulinas, 1993, p.118 (Coleção Pequeno Comentário Bíblico – AT).

¹⁴ Jesus Asurmendi, “Os profetas do século VII – Naum, Sofonias e Habacuc”, p.172.

Opinamos, portanto, que a época de Habacuque caracteriza-se pela ascensão da Babilônia como nação imperialista. Nos fins do século 7º a.C. o domínio assírio começara a ruir-se, diante de duas grandes ameaças:¹⁶ os medos, a partir das montanhas de Irã, e os citas, bandos de cavaleiros e conquistadores oriundos do sul da Rússia. A Assíria estava destruída, mas ainda não surgira um outro império que preenchesse seu lugar. Assim, surge um vácuo de poder na região da Síria e da Palestina, que possibilitou a expansão do reino de Josias.¹⁷ Mas, em 609 a.C., Josias morre, num confronto com as tropas do faraó Neco. Este assenhoreou-se da Palestina. Depois do enterro de Josias, seu filho Jeoacaz sobe ao trono, mas após três meses foi deposto por Neco, que entronizou Jeoaquim no lugar de Jeoacaz.

O domínio do Egito sobre a Palestina durou poucos anos. Em 605, em Carquêmis, no Eufrates, os babilônicos vencem os exércitos egípcios (Jr 46.2).¹⁸ Surge, então, o império neobabilônico, anunciado em Habacuque 1.6.

Assim, Habacuque refere-se à ascensão dos neobabilônicos no cenário mundial. Mas também afirmamos que ele prega contra a desigualdade interna (1.2-4). Rejeita não só o poderio babilônico, como também o poderio da nação judaíta. O motivo da aversão à monarquia judaíta seria a opressão patrocinada pelos reis. O profeta está questionando a *hamas* “violência”, que era um elemento característico da situação interna de Judá nos dias de Jeoaquim. Por isso, Domingos Sávio da Silva traduziu o termo ‘*anî*, de Hc 3,14b, por “miserável”. Tratar-se-ia de uma alusão aos levitas empobrecidos, “como os pobres que, sobretudo com o advento da monarquia, perderam suas terras e, às vezes, até a liberdade pessoal mediante a contração de dívidas. Comporiam esse elenco também os proprietários rurais sob taxações escorchantes”¹⁹.

Dessa forma, o tempo de Habacuque caracteriza-se por uma grande opressão promulgada pelo rei Jeoaquim e pela crise resultante do surgimento de um novo império no cenário mundial, a Babilônia. Há problemas internos na nação judaíta. Mas há problemas externos, também. Portanto, essa é a época de Habacuque: as proximidades

¹⁵ J. Alberto Soggin, *Introduction to the Old Testament – From its origins to the closing of the Alexandrian canon*, Westminster, John Knox Press, 1989, p.327-331 (The Old Testament Library).

¹⁶ Antonius H. J. Gunneweg, *História de Israel – Dos primórdios até Bar Kochba e de Theodor Harzl até nossos dias*, tradução de Monika Ottermann, São Paulo, Editora Teológica/Edições Loyola, 2005, p.195 (Série Biblioteca de Estudos do Antigo Testamento).

¹⁷ Sobre a reforma de Josias, veja Antonius H. J. Gunneweg, *História de Israel – Dos primórdios até Bar Kochba e de Theodor Harzl até nossos dias*, p.195-195.

¹⁸ Herbert Donner, *História de Israel e dos povos vizinhos – Da época da divisão do reino até Alexandre Magno*, São Leopoldo, Sinodal, vol.2, 1997, p.413-412.

¹⁹ Domingos Sávio da Silva, *Habacuc e a resistência dos pobres – Tradução crítica do profeta Habacuc*, p.257.

do ano 600 a.C. O salmo em Habacuque 3 objetiva responder às crises suscitadas nesse período.

3. O lugar de Habacuque 3.1-19 no livro de Habacuque

Há um grande debate sobre a originalidade de Habacuque 3.1-19 no livro de Habacuque.²⁰ Antonio Bonora afirma que, segundo muitos comentaristas, Habacuque 3 é um antigo salmo, que remonta até cerca do fim do X século a.C.²¹ Já outros, como Bernhard Stade²² e B. Stade²³ consideram 3.2-19 como um salmo pós-exílico.²⁴

Resumo aqui quatro argumentos que corroboram a essa disparidade relativa ao capítulo 3 de Habacuque. Mas alisto simultaneamente as dificuldades de tais argumentos.

Primeiro, o gênero literário de 3.1-19 é diferente de 1.1-2.20. Pois 3.1-19 é um salmo cúltico. No entanto, nos dois primeiros capítulos se encontram, a juízo de vários estudiosos, a liturgia para um dia penitencial. “A lamentação, a oração e a alocação divina direta, pronunciada através do ministro do culto, são elementos habituais na liturgia antiga em Israel.”²⁵

Segundo, um texto encontrado em Qumrã (Comentário de Habacuque) não contém este salmo²⁶, o que sugere seu desligamento dos capítulos antecedentes. Mas, outra é a opinião de J. M. Albrego de Lacy:

“O fato de que o comentário a Habacuc encontrado em Qumrã (1QqHab) careça deste capítulo não costuma representar assunto de dúvida, pois não seria de estranhar que a deterioração maior que o manuscrito sofreu

²⁰ Domingos Sávio da Silva, *Habacuc e a resistência dos pobres – Tradução crítica do profeta Habacuc*, Aparecida, Editora Santuário, 1999, p.218-219; Giuseppe Bernini, “Osea – Michea - Nahum – Abacuc – Versione introduzione, note”, em *Nuovissima Versione della Bibbia dai testi originali*, 2ª edição, Roma, Edizioni Paoline, 1977, p.402-403; Otto Eissfeldt, *The Old Testament – An introduction*, Oxford, Brasil Blackwell, 1974, p.420-421.

²¹ Antonio Bonora, *Naum, Sofonias, Habacuc, Lamentações – Sofrimento, promessa e esperança*, tradução de Lucy R. M. César, São Paulo, Edições Paulinas, 1993, p.117-134 (Coleção Pequeno Comentário Bíblico – AT).

²² Antonio Bonora, *Naum, Sofonias, Habacuc, Lamentações – Sofrimento, promessa e esperança*, p.132.

²³ Ernst Sellin e Georg Fohrer, *Introdução ao Antigo Testamento*, tradução de Mateus Rocha, São Paulo, Paulinas, vol.2, 1977, p.683 (Nova Coleção Bíblica).

²⁴ Domingos Sávio da Silva, *Habacuc e a resistência dos pobres – Tradução crítica do profeta Habacuc*, p.219.

²⁵ J. M. Albrego de Lacy, *Os livros proféticos – Introdução ao estudo da Bíblia*, tradução de Alceu Luis Orso, São Paulo, AM Edições, 1997, p.179.

²⁶ Domingos Sávio da Silva, *Habacuc e a resistência dos pobres – Tradução crítica do profeta Habacuc*, p.223. Ver nota de rodapé.

tenha sido na parte final. Os que aceitam o influxo cultural também na partes anteriores não terão maior problema em admitir a unidade do livro.”²⁷

Terceiro, o salmo contém elementos mitológicos, e assemelha-se com o antigo cântico de Débora (Jz 5) e com o cântico de Moisés (Dt 33), que são antigas peças literárias dentro do Antigo Testamento. Mas isso não anula a possibilidade de Habacuque ter retomado um antigo poema e re-atualizado para a sua época.

Quarto, 3.17-19, diferente de 1.2-2.20, não se refere a um problema da história, mas a uma catástrofe agrícola e pecuária. No entanto, Alonso Schökel e Sicre Dias argumentam: “em textos proféticos a prosperidade da natureza é sinal de que a catástrofe histórica já passou. Ao castigo causado por invasão inimiga sucede época de paz e prosperidade (cf. Amós 9.11-13; Jl 4.17-18; Ez 36.1-15). Natureza e história aparecem estreitamente ligadas.”²⁸

Assim, muitas são as possibilidades sugeridas para a reconstrução literária do livro de Habacuque,²⁹ principalmente aquelas que dizem respeito ao capítulo 3. Mas afirmamos que o livro é uma unidade literária. Alinhamo-nos entre aqueles que afirmam a originalidade do salmo no rolo profético de Habacuque. Habacuque 3.1-19 deve ser lido à luz de 1.2-2.20. O cap.3 de Habacuque pertence ao livro como um todo.³⁰ O salmo é uma continuação de 1.1-2.20. Pois, em 1.2-2.20 lemos uma problemática, a opressão do ímpio sobre o justo. E em 3.1-19 lemos a proposta para tal problemática: Deus intervirá para a libertação do justo. Essa parece ser a esperança do profeta em 3.16b. Além disso, a salvação clamada em 1.2 é encontrada em 3.18.

Defender que Habacuque 3.1-19 é um texto independente do livro é desqualificar a proposta do profeta. Pois,

“fica claro que, no contexto do livro enquanto um todo, Habacuc 3 funciona como conclusão corroborativa que corresponde aos problemas levantados em Habacuc 1-2. O poema expressa confiança em que na visão

²⁷ J. M. Albregó de Lacy, *Os livros proféticos – Introdução ao estudo da Bíblia*, p.180.

²⁸ Luis Alonso Schökel e José Luis Sicre Dias, *Profetas II – Ezequiel, Doze profetas menores, Daniel, Baruc, Carta de Jeremias*, tradução de Anacleto Alvarez, São Paulo, Edições Paulinas, 1991, p.1126.

²⁹ Veja uma breve discussão sobre as camadas literárias do livro em Erich Zenger, “O livro dos doze profetas”, em *Introdução ao Antigo Testamento*, Erich Zenger e outros autores, tradução de Werner Fuchs, São Paulo, Edições Loyola, 2003, p.519-520 (Coleção Bíblica Loyola – 36).

³⁰ Sobre a relação e Hb 1-2 e 3, veja William Hugh Brownlee, “The placarded revelation of Habakkuk”, em *Jornal of biblical literature*, Philadelphia, The society of biblical literature and exegesis, vol.82, 1963, p.320-321; Luis Alonso Schökel e José Luis Sicre Dias, *Profetas II – Ezequiel, Doze profetas menores, Daniel, Baruc, Carta de Jeremias*, p.1123-1124.

mencionada em 2.1-4 realizar-se-á, e em que a justiça de Deus será satisfeita com a libertação do povo, da opressão.”³¹

Domingos S. da Silva argumentou que Habacuque cita propositadamente o intervencionismo estrangeiro (Hc 1.5-11), para rejeitá-lo e criticá-lo.³² No entanto, prefiro entender que Habacuque não armou uma literatura teatral em 1.5-11, antes, expressou ali a completa hegemonia do Senhor Javé sobre a história. O clímax desse conceito é o capítulo 3 de seu livro, onde a teofania intervencionista de Javé pelo seu povo substitui o intervencionismo estrangeiro exposto em 1.5-11.

Além das considerações acima, teço duas observações, ao que diz respeito à relação entre Habacuque 3 e os capítulos precedentes.

Primeira, 2.20 é um apelo ao silêncio que prepara a vinda de Javé (cf. Sf 1,7; Zc 2,17; Ne 8,11), evocada em 3.2-19. O verso 20 do capítulo 2 é a transição dos “ais” (Hc 2.6b-19) para a teofania (3.3-15). Assim, 2.20 prepara caminho para o que vai ser dito em 3.1-19.

Segunda, em 1.2-2.19 lemos a crise do profeta, que, num primeiro momento, questiona a violência vigente em sua época (1.2-4), e, num segundo momento, sua crise é desencadeada pela primeira resposta de Javé: trairia os caldeus para julgar Judá (1.5-17). A violência seria tratada com violência, o que horroriza o profeta. Mas, a partir de 3.1 a crise do profeta encontra uma resolução. O salmo em Habacuque 3.1-19 celebra a libertação efetuada por Javé!

É óbvio que, mesmo afirmando a unicidade do livro, não se exclui a afirmação de que Habacuque adaptou um antigo hino que celebrava a marcha de Javé de sua antiga morada no Sinai para destruir os inimigos de seu povo na terra prometida³³ (Dt 33,2-5; Juízes 5,4-5; Salmo 68,8-9[7-8]). Assim, parece que Habacuque adapta um antigo poema a uma nova realidade, onde os inimigos de Javé seriam os reis de Judá e da Babilônia.

Portanto, Habacuque 3.1-19 deve ser lido como parte integrante do livro de Habacuque. Não é um mero acaso redacional. Trata-se de um antigo poema adaptado por Habacuque. Sem ele o livro perderia o sentido. Com ele renasce a esperança dos oprimidos!

³¹ Domingos Sávio da Silva, *Habacuc e a resistência dos pobres – Tradução crítica do profeta Habacuc*, p.225, citando Marvin A. Sweeney, *Book of Habakuk*, p.5.

³² Domingos Sávio da Silva, *Habacuc e a resistência dos pobres – Tradução crítica do profeta Habacuc*, p.232-242.

³³ J. J. M. Roberts, *Nahum, Habakkuk and Zephaniah – A commentary*, Westminster, John Knox Press, 1991, p.148 (The Old Testament Library).

4. Habacuque 3.1-19 como uma unidade literária

Mostramos anteriormente a continuidade entre 3.1-19 e 1.1-2.20. Observamos 3.1-19 na relação do livro como um todo. Agora, nossa tarefa é observar 3.1-19, somente. A unidade literária de 3.1-19 é discutível.³⁴ Trata-se, agora, de olharmos a continuidade entre os versículos desse capítulo, para provarmos que se trata de uma unidade literária.

Habacuque 3.1 é um título, e apresenta todo o capítulo 3 como uma *tepilah* “oração”. Esse título é comumente usado para introduzir salmos. O estilo hínico pode ser observado durante o desenvolvimento do salmo: nos v.3,9 e13 lê-se o sinal pausal *selah*. A nota no v.19b também é muito comum nos salmos: “ao mestre de canto, para instrumentos de corsa”. Dessa forma, os versos 1 e 19b “delimitam a descrição hínica da teofania do cap.3 como sendo uma unidade textual concisa em si”³⁵. O título no início, os sinais de pausa no decorrer do texto e a anotação do v.19b denotam que todos esses versículos têm algo em comum: eram utilizados num ambiente comunitário. Portanto, 3.1-19, como um todo, parece ter sido lido como um salmo.

Além disso, uma outra questão leva-me a pensar na unidade de 3.1-19. Após o título (v.1), o locutor inicia sua oração (v.2), na primeira pessoa: “Javé, ouvi”. Esse mesmo locutor se manifestará no v.7. Ele volta a manifestar-se no v.16, onde sua atitude (“eu ouvi”) relembra o v.2. Por fim, nos v.18-19a, finalizando o salmo, o locutor se expressa novamente. Assim, do início ao fim, o salmo é articulado por um locutor, que me parece ser o próprio profeta.

Portanto, os elementos que indicam uma leitura pública do texto e a manifestação de um locutor, do início ao fim do salmo, levam-me a concluir que 3.1-19 é uma unidade literária. É uma perícopes.

Conclusão

Exercitei, a partir do livro de Habacuque, a possibilidade de uma leitura nos textos proféticos que preze a relação das unidades menores com estruturas literárias maiores. Assim, o desafio daqueles que estudam os profetas é relacionar as perícopes individuais com o livro no qual elas estão inseridas. E, ao que diz respeito ao livro de Habacuque, relacionamos o salmo de Habacuque 3.1-19 com Habacuque 1 – 2.

³⁴ J. Alberto Soggin, *Introduction to the Olde Testament – From its origins to the closing of the Alexandrian canon*, Westminster, John Knox Press, 1989, p.328-329 (The Old Testament Library).

³⁵ Erich Zenger, “O livro dos doze profetas”, em *Introdução ao Antigo Testamento*, Erich Zenger e outros autores, p.517.

O livro de Habacuque relata a caminhada de um homem justo, que se horroriza com a opressão aventada pelo ímpio no fim do 7º século a.C. Mas depois ele se regozija pela libertação efetuada por Javé. Assim, Habacuque inicia seu livro com um clamor desesperador (1.2) e termina-o com uma confissão de esperança (3.17-19). Começa com uma pergunta, “até quando?” (1.2), e termina com uma afirmação de fé, “Javé, meu Deus, é a minha força” (3.19).

Portanto, o enredo do livro denota a jornada espiritual do justo: da crise à fé, da dúvida à certeza.

Bibliografia

ALBREGO DE LACY, J. M., *Os livros proféticos – Introdução ao estudo da Bíblia*, tradução Alceu Luis Orso, São Paulo, AM Edições, 1997 (Habacuque p.179-182)

ALONSO SCHÖKEL, Luis e SICRE DIAS, José Luis, *Profetas II – Ezequiel, Doze profetas menores, Daniel, Baruc, Carta de Jeremias*, tradução Anacleto Alvarez, São Paulo, Edições Paulinas, vol.2, 1991 (Habacuque p.1123-1141)

ASURMENDI, Jesus, “Os profetas do século VII – Naum, Sofonias e Habacuc”, em AMSLER, Samuel (editor), *Os profetas e os livros proféticos*, tradução de Benôni Lemos, São Paulo, Edições Paulinas, 1992, p.171-183 (Biblioteca de Ciências Bíblicas)

BALANCIN, Euclides Martins, “Habacuc – A fidelidade do justo”, em *Vida Pastoral*, vol.24, n.113, 1983, p.2-5

BALANCIN, Euclides Martins e STORNIOLO, Ivo, *Como ler o livro de Habacu – A teimosia do justo*, São Paulo, Edições Paulinas, 1991, 45p.

BERNINI, Giuseppe, *Osea, Michea, Nahum, Abacuc*, Roma, Edizioni Paoline, 2ª edição, 1977, 445p. (Nuovissima Versione Della Bibbia Dai Testi Originali)

BONORA, Antonio, *Naum, Sofonias, Habacuc, Lamentações - Sofrimento, promessa e esperança*, tradução Lucy R. M. César, São Paulo, Edições Paulinas, 1993, 134p. (Coleção Pequeno Comentário Bíblico – AT)

BROWNLEE, William Hugh, “The placarded revelation of Habakkuk”, em *Jornal of biblical literature*, Philadelphia, The society of biblical literature and exegesis, vol.82, 1963, p.320-321.

- COELHO FILHO, Isaltino Gomes, *Os profetas menores II – Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Malaquias*, Rio de Janeiro, Juerp, 2002, 196p.
- CROATTO, J. Severino, “A estrutura dos livros proféticos. As releituras dentro do *corpus* profético”, em *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Editora Voes, volume 35/36, 2000, p.7-27.
- DAY, John, “New light on the mythological background of the allusion to resheph in Habakkuk 3,5”, em *Vetus Testamentum*, Leiden, E. J. Brill, vol.29, 1979, p.353-354
- DONNER, Herbert, *História de Israel e dos povos vizinhos*, tradução de Claudio Molz e Hans Trein, São Leopoldo, Sinodal, 1997, 2 vols., 535p.
- EATON, John, *Misteriosos mensageiros - Curso de profecia hebraica*, tradução Cacília Camargo Bartalotti, São Paulo, Edições Loyola, 2000 (Habacuque p.100-104)
- EISSFELDT, Otto, *The Old Testament – An introduction*, Oxford, Brasil Blackwell, 1974, p.420-421.
- FÜGLISTER, Notker, “Arrebatados por Iahweh – Anunciadores da palavra – História e estrutura do profetismo em Israel”, em *Palavra e mensagem do Antigo Testamento*, tradução de Benôni Lemos, São Paulo, Editora Teológica, 2ª edição, 2004, p.190-191.
- GASTER, Theodor H., “On Habakkuk 3,4”, em *Journal of Biblical Literature*, Philadelphia, The Society of Biblical Literature and Exegesis, vol.62, 1943, p.345-346
- GELIN, Albert, “Os livros proféticos posteriores”, em *Introdução à Bíblia – Antigo Testamento – Os livros proféticos posteriores*, André Robert e André Feuillet (editores), São Paulo, Editora Herder, vol.2, 1967, p.51-54
- GERSTENBERGER, Erhard, *Salmos*, São Leopoldo, Faculdade de Teologia, vol.1, 1982, (Série Exegese)
- GUNNEWEG, Antonius H. J., *História de Israel – Dos primórdios até Bar Kochba e de Theodor Harzl até nossos dias*, tradução de Monika Ottermann, São Paulo, Editora Teológica/Edições Loyola, 2005, 436p. (Série Biblioteca de Estudos do Antigo Testamento)
- KOCH, Klaus, *The prophets – The babylonian and persian periods*, Philadelphia, Fortress Press, vol.2, 1984, 213p.

PORATH, Renatus, “Profetas – Interlocutores indispensáveis nesse ‘fim da história’ – Um diálogo com o profeta Habacuque”, em *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, Faculdade de Teologia, vol.33, 1993, p.26-36

SILVA, Domingos Sávio da Silva, *Habacuc e a resistência dos pobres – Tradução crítica do profeta Habacuc*, Aparecida, Editora Santuário, 1999, 343p.

SELLIN, Ernst e FOHRER, Georg, *Introdução ao Antigo Testamento*, tradução de Mateus Rocha, São Paulo, Paulinas, vol.2, 1977 (Habacuque p.681-688)

REIMER, Haraldo, “A Tradição de Isaías”, em *Estudos Bíblicos*, v. 89, Petrópolis, 2006, p.9-18.

ROBERTS, J. J. M., *Nahum, Habakkuk and Zephaniah – A comentary*, Westminster, John Knox Press, 1991, 223p. (The Old Testament Library)

SOGGIN, J. Alberto, *Introduction to the Olde Testament – From its origins to the closing of the Alexandrian canon*, Westminster, John Knox Press, 1989, p.327-331 (The Old Testament Library)

SAYÃO, Luiz Alberto Texeira, “Habacuque e o problema do mal”, *Vox Scripturae*, vol.3, 1993, p.3-18

VON RAD, Gerhard, *Teologia do Antigo Testamento*, tradução de Francisco Catão, São Paulo, Aste, vol.1, 1973, 481p.

ZENGUER, Erich, “O livro dos doze profetas”, em *Introdução ao Antigo Testamento*, Erich Zenguer e outros autores, tradução de Werner Fuchs, São Paulo, Edições Loyola, 2003, p.517-521 (Coleção Bíblica Loyola, 36).